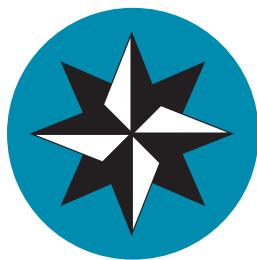




Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Plantaram Aécio e estão colhendo Bolsonaro (...) é o subproduto do ódio ideológico contra o PT"

(Lula)

O pior Congresso da história republicana



Cunha manda, ainda e sempre

► **A verdade factual diz que um presidiário, como define Renan Calheiros, continua a decidir os destinos do governo Temer**

Não foi por mero acaso que o senador Renan Calheiros, na noite de quarta-feira 28, puxou pesada acusação da garganta e a atirou contra Michel Temer. Despojado da condição de líder governista, à qual tinha renunciado pouco antes, perguntou: “Como continuar com um governo comandado por um presidiário como Eduardo Cunha?”

O que ele falou sobre o governo foi surpresa. Do controle da Câmara por Cunha já se sabia.

Calheiros pisou mais fundo. Valeu-se de outra pergunta: como mudar o pensamento de um governo comandado por Cunha, que, mesmo da prisão, mantém o recebimento de propina?

Há um trecho expressivo dos 40 minutos

da gravação feita pelo empresário Joesley Batista com Michel Temer. Ali está claro o poder de Cunha.

Joesley: “Dentro do possível eu fiz o máximo. Ele foi firme... veio e cobrou... eu tô de bem com o Eduardo”.

Temer: “Mantenha isto, viu?”

Ao desempenhar por trás dos bastidores o papel que haveria de caber ao presidente, Cunha não só influencia, manda. Manda igualmente na Câmara dos Deputados. Como se sabe, a ideologia do atual PMDB é a do poder pelo poder. A arquitetura de Niemeyer dá a entender que a Câmara abre aos interesses populares. Peemedebista, no entanto, só cuida do seu.

Horas depois do discurso veemente feito pelo senador Calheiros, foi protocolada na Câmara a denúncia por corrupção passiva, que lá estava aguardando uma decisão. E é lá que a cobra vai fumar.

A Câmara dos Deputados é denominada “Casa do Povo”. Melhor seria “Casa do Polvo”, caso se considerasse o alcance dos tentáculos perturbadores do processo político.

Antes da deposição de Eduardo Cunha já se falava que sob o comando dele havia cerca de cem deputados. Quase todos eleitos com as verbas liberadas pela JBS. Tudo isso resultaria, ao fim e ao cabo, na eleição de Cunha para a presidência da Câmara.

Emergiu uma bancada de evangélicos ligada a empreiteiras e construtoras, além das risíveis bancadas da Bola e da Bala. Com eles, os parlamentares fabricados por Cunha, é que Michel Temer conta para alcançar os 172 deputados habilitados a mantê-lo na Presidência.

Este Congresso é o pior de todos. O menos representativo da história republicana, intérprete da força do dinheiro da minoria privilegiada. Quem roubou mais? Quem roubou menos? Quem não roubou? •



Andante Mosso



Eles conhecem
o problema
de ser irmãos

O traidor e o traído

Temer saiu dos seus cuidados e, mais rápido do que se pensava, deu o troco em Rodrigo Janot. Deixou de lado a tradição e escolheu a subprocuradora Raquel Dodge, a segunda mais votada na lista tríplice da Procuradoria-Geral da República e inimiga de Janot. O nome escolhido pelo procurador era o de Nicolao Dino, que estava no topo da lista. Dino foi uma vítima de circunstâncias políticas e pessoais.

Além da ira de Temer, ele, desde o começo da campanha interna na PGR, foi bombardado por ser irmão de Flávio Dino, governador maranhense. Filiado ao PCdoB, o “perigoso” Flávio tirou democraticamente o Maranhão das mãos de José Sarney, hoje o grande conselheiro de Temer. Além disso, lutou o quanto pôde para evitar o *impeachment* de Dilma.

Por tradição, o presidente da República faz a escolha do procurador mais votado. Pelas regras da traição, não.

Bicadas tucanas

Chegou ao fim a relação cordial entre o governador Geraldo Alckmin e o prefeito paulistano, João Doria Júnior. Em solenidades, os dois agora se limitam à formalidade protocolar. Alberto

Goldman, vice-presidente do PSDB, é testemunha

Desconfiança

Romero Jucá, líder do governo no Senado, perdeu o crédito com o aderente senador capixaba Magno Malta, em razão da promessa de Temer podar certas barbaridades da reforma trabalhista. Segundo Malta, Jucá já o iludiu várias vezes. Por isso, agora, nega credibilidade e explica: “Ele faz o tipo de fracassado negociador de sequestro. Fala com o sequestrado, o sequestrador, a polícia, a mãe do sequestrado, e por aí afora”. No fim dá errado.

O estilo Temer

Tudo ia bem com o Centro Internacional Celso Furtado após 11 anos de atividades (2005-2016) concentradas na formulação de políticas para o desenvolvimento. Além disso, dispõe de uma riquíssima biblioteca.

Os principais patronos da entidade eram instituições estatais, como o BNDES, a Petrobras, a Caixa Econômica Federal e a Eletrobras. A sede ocupava salas cedidas pelo BNDES, no Centro do Rio de Janeiro, até a ascensão de Michel Temer ao poder.

Aí veio o golpe. A direção do banco exigiu a entrega das

ocupações e, em seguida, o patrocínio estatal foi murchando. Por último, a Caixa também encerrou a colaboração. As posições políticas e econômicas defendidas por Celso Furtado provocam urticária nos neoliberais.

Um acordo especial

Há indícios de que pode ter havido um acordo entre o juiz Sérgio Moro e os procuradores, ambos articulados com Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara, para favorecer a sentença de absolvição de Cláudia Cruz. Tudo indica que, em troca, Cunha, marido de Cláudia, oferecerá a delação. Moro apontou falta de provas contra ela.

O procurador Fernando dos Santos Lima deu uma explicação mais singela: o “coração generoso” do magistrado. A Procuradoria anunciou que ia recorrer. Deve ter esquecido. Cunha, poucos dias depois da liberação de Cláudia, passou a rascunhar uma delação. Ele escreve à mão uma proposta para a Justiça.

Olho vivo

Comentário de Luiz Fux, juiz do Supremo Tribunal Federal, que, após longo tempo de observação das roupas dos réus na Lava Jato, concluiu: “Todos os delatores usam paletó e camisa de colarinho-branco”.

É mesmo um ministro judicioso.

mauriciodias@cartacapital.com.br



Cláudia Cruz tem
de agradecer
o “coração generoso”
de Sérgio Moro?